



ABISMO
DA CARNE

ABISMO DA CARNE

RICARDO LABASTIER
GEORGIA QUINTAS



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério da
Cultura

Este projeto foi contemplado com o 411. Prêmio Marc Ferrez de Fotografia

ISBN 978-85-87314-41-3



ABISMO
DA CARNE

RICARDO LABASTIER (FOTOS)
GEORGIA QUINTAS (PESQUISA E TEXTOS)



Abismo da Carne é resultado da pesquisa no arquivo do fotógrafo Ricardo Labastier realizada pela antropóloga Georgia Quintas. Em 2013, a pesquisa transformou-se em exposição e este livro traz o trabalho de Labastier através do recorte curatorial, assim como reúne textos que abarcam a análise poética e o discurso do artista. Vislumbramos apresentar nas entrelinhas a sutil construção de sentido sobre as narrativas e processos de criação.

ABISMO DA CARNE

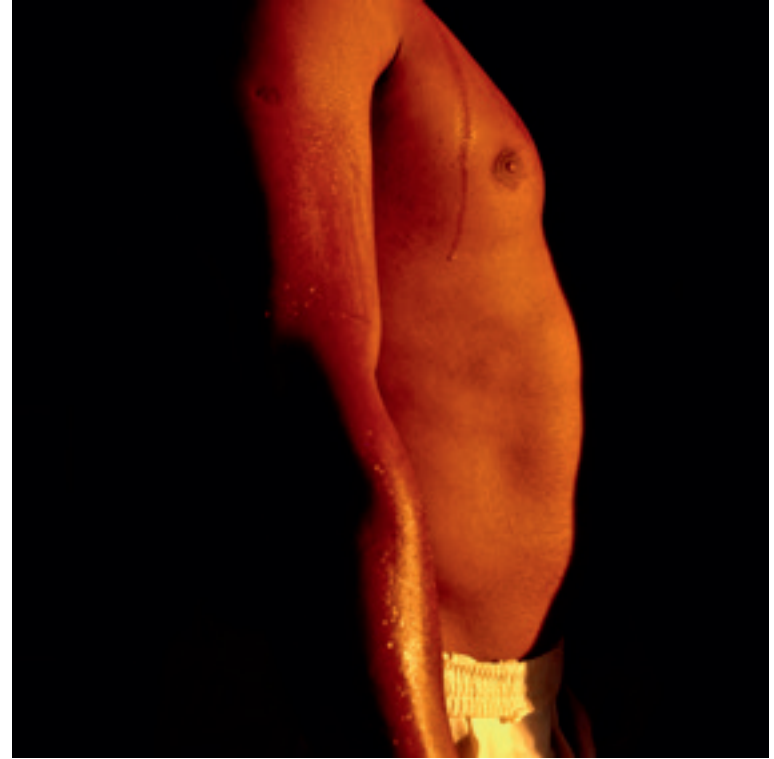
Há muito, a iminência do gesto contorcia-se, escrutinava o assombro de sair da realidade. Rompeu-se o silêncio, e com ele as cicatrizes foram alargadas por escavar demais. Pensava que acordar era apenas enxergar o que estivesse ao seu alcance. Mas se para alcançar é preciso enxergar pela porosidade dos contornos e caprichos do que vemos, ou pensamos ver, como atravessar um mundo além do quarto escuro, que sempre acomoda a infância, a família, cheiros vividos, sons entremeados, santos devotados, o rigor dos sinos?

Passou a vagar pelos velos do ordinário, como se tudo fizesse parte de si, na esperança de enxergar melhor. Numa espécie de modulação de coexistência, passava o olhar pela textura das coisas, assim como a mão adere à pele do outro. Fez esse exercício várias vezes, sem saber muito bem onde encontraria a evidência daquele dito ordinário mundo ao nosso redor. Da ordem do simples, do comum, pedestre cotidiano. Do que se justifica por ser como é. Como se a natureza das cenas ordinárias fosse a certeza de reconhecê-las, porque sempre estiveram, estão ou estarão em algum lugar por entre nós.

Impregnado de perguntas, com seu olhar registrou o despudor em lampejos de gente, rastros, ruínas, falsos desejos ofertados. Andou e desandou pela carne. Foi um caminho não fabular a realidade, mas projetar nela sentimentos reais. Tentou quarar a vida pela fotografia. De si, de sua carne insular, passou a fugir para o espírito do outro. Através do universo fotográfico de Ricardo Labastier, os significados não despem apenas a representação. Ao contrário, mergulham no abismo da carne. Esbarram em aparições, além das aparências. Pois não seria nosso olhar o cadafalso a abrigar percepções em nosso imaginário? O abismo virou a prosa da busca em compreender vestígios de quem somos.

Texto de apresentação da exposição *Abismo da carne*, do fotógrafo Ricardo Labastier, na doc Galeria, São Paulo entre 20 de agosto e 21 de setembro de 2013. A exposição teve curadoria de Georgia Quintas.















NOVELO DAS RECORDAÇÕES

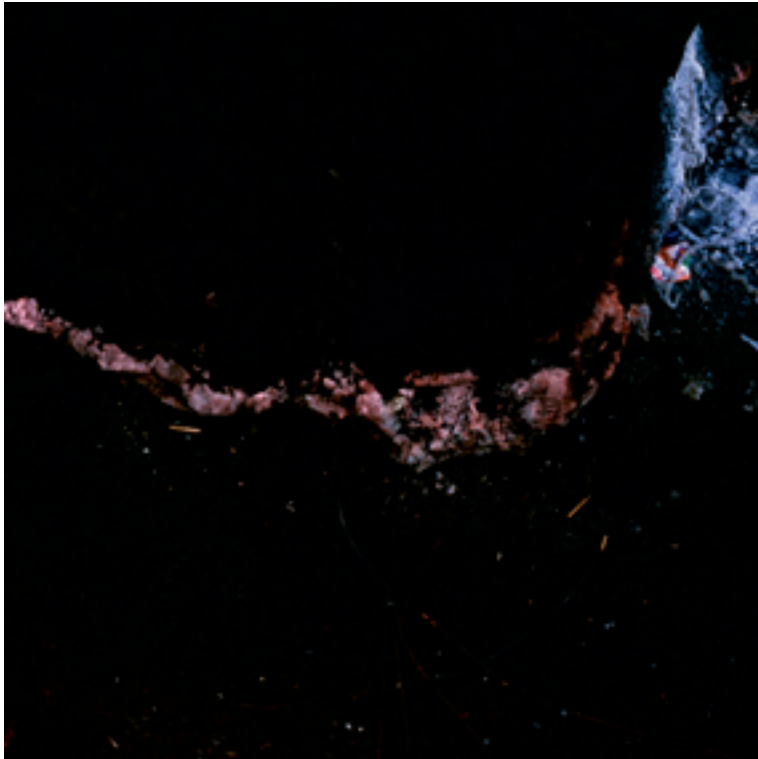
Precisava ser tão sincero que chegou a exagerar. A viagem era longa e a realidade, de tão crua, parecia ofuscar a visão. De tal modo construía para si próprio, após tantas vivências e sentimentos, uma espécie de cadafalso íntimo de afeto, lembranças e justaposições de buscas.

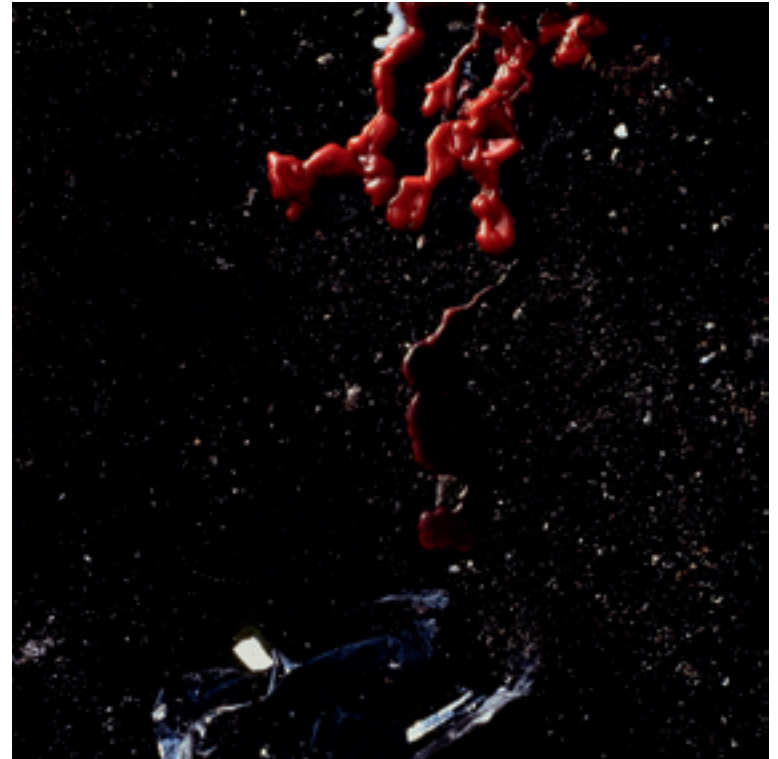
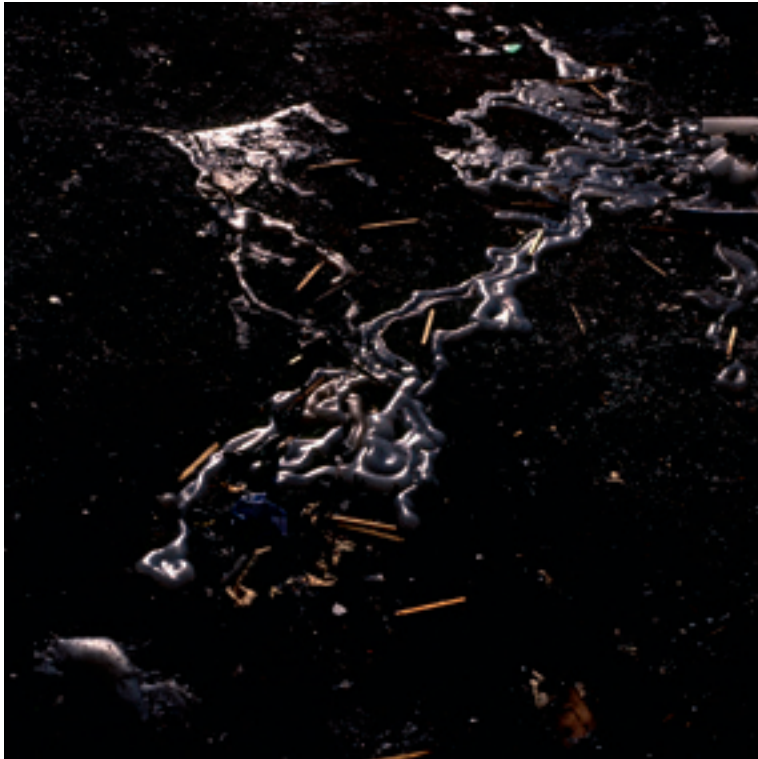
E tudo isso é tão profundo que a fotografia passou a carregar o excesso das formas sublimes, das cores improváveis, de cenas e cenários barrocos e alegóricos. Se ponderarmos que a trajetória de um olhar é o espelhamento do imaginário, o qual faz o indivíduo possuir pertencimento e acreditar no que pode ver, é plausível encontrarmos fotografias que reflitam sobre o emaranhado de paisagens íntimas, sutilmente sacralizadas e distendidas do padrão real das cores.

O fotógrafo Ricardo Labastier exprime a condução de sua percepção instigante, assim como um dos componentes mais caros ao processo criativo: a entrega. Seus ensaios, embora possuam títulos, são fragmentos de peças, de contas de um colar partido que tentamos, a todo custo, unir, para, enfim, começarmos a compreender quem somos. Em seu discurso visual, os códigos parecem brindar com o que representam. Mas Labastier transpõe esse significado para o patamar da memória. E, segundo ele mesmo, a religião passa a ser infância.

A cada fotografia, a postura da cor não só ressalta como evoca subjetividades. Como se as coisas assim fossem. Mas não são. Sequer intencionam serem desta maneira.

A narrativa através das cores no trabalho de Ricardo Labastier imprime ao conteúdo da imagem a intensidade da existência como quando observamos, com acuidade, o sentido delas. De tal maneira, essa troca entre fotógrafo e motivo fotografado elabora o grau de intimidade entre olhar e fotografar. O que permite que vislumbremos o registro documental transformando-se em poesia doce, refinada e incerta. As nuances de mistério, imaterialidade, sonho e deslocamento temporal que suturam a fotografia de Labastier desfiam o novelo das recordações e das metáforas que a fotografia encontra pelo mundo afora.



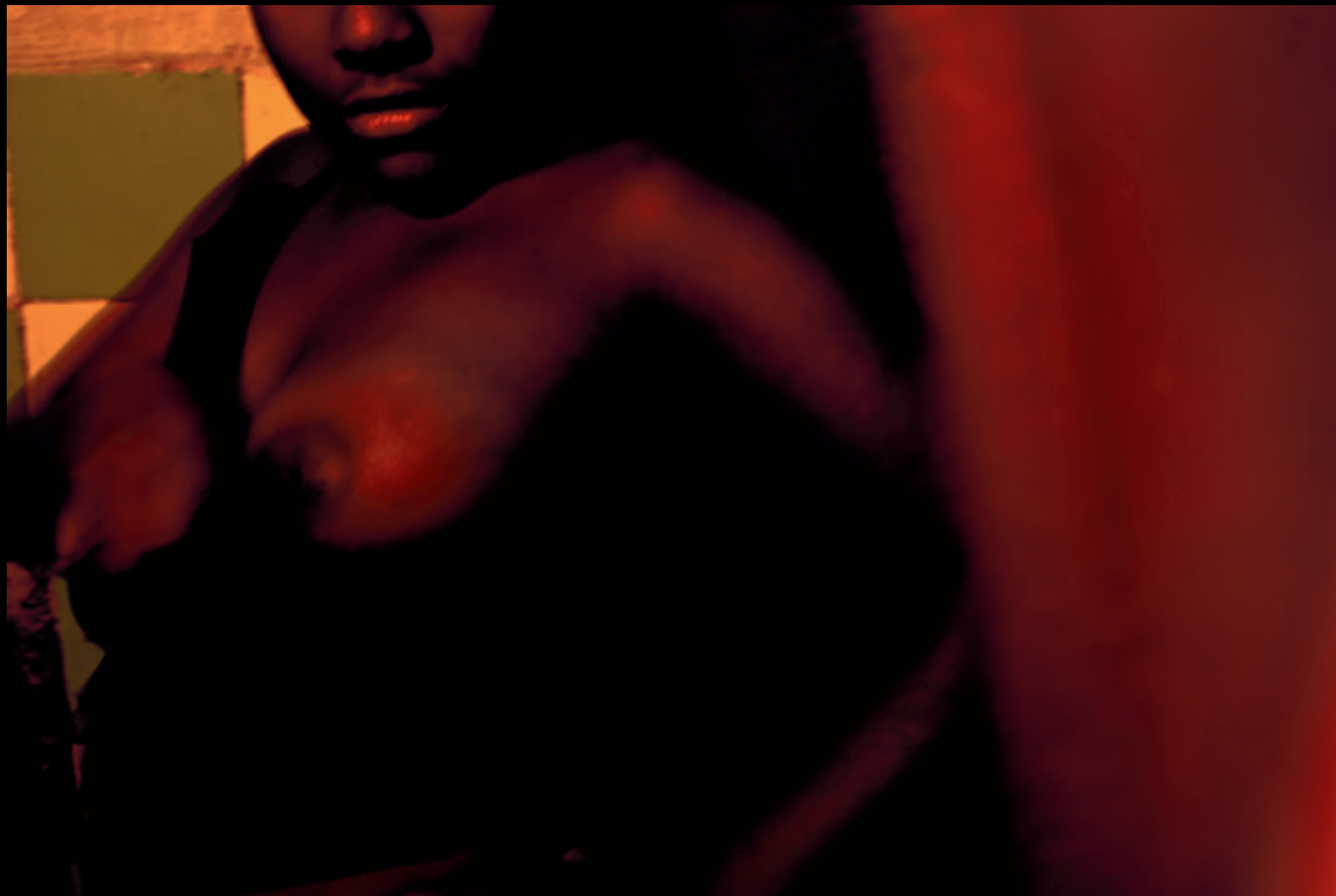




VER TORNA-SE EXPERIÊNCIA

No escuro, adensamos imagens dissolutas. Damos formas ao que nunca as possuiu, esgarçamos possibilidades à mercê de encontrarmos um novo território; certa espacialidade que não determina certezas, mas que assegura imagens, rascunhos de sensações. Através dela, da escuridão, vemos mais pelo que perdemos em sua latência insinuada do que pelo que apreendemos em seus lapsos de luz. Nem sempre a definição na imagem vista revela o discurso mais claro. Tatear, balouçar pela forma. Deslocar-se pelo escuro permite trançar certo erotismo com volumes marcados pela cor.

O ato íntimo de entregar-se às imagens é suficientemente profundo, assim como vemos a escuridão. O peso da imagem transitiva – aquela que nos faz passar por uma estrada sem fim – também sopra o ar denso da procura, do olhar de quem viu mais alguma coisa nas pessoas, em vidas desfiadas... À penumbra dessas imagens, sentimos o lembrar de coisas imaginadas, em cenas que não pertencem ao mundo tátil. Ao nascer da porosidade de um sentir no limbo da noite: ver torna-se experiência. Pela manhã, resta a dúvida do que foi, do que valeu a pena.















ENTREVISTA

A SUA FOTOGRAFIA É UMA FABULAÇÃO DA REALIDADE OU A INSISTÊNCIA DO VIGOR EM PROCURAR RESPOSTAS?

Acho que é mais o rigor na solução. A resposta sempre não vem. Sendo assim, já tenho a resposta. A solução à qual me refiro, não considero fabulação, menos ainda da realidade. Esse martelo matinal, logo ao pôr os pés no chão, que chamamos realidade, pra mim, é um traço marcante na minha vida. Ela existe, persiste, insiste e atua nos menores detalhes. Não fabulo com ela. Acho que projeto sentimentos reais ao fazer escolhas mundanas, poéticas, traiçoeiras e doloridas. Mesmo que as respostas nunca a mim cheguem, tenho um imenso prazer em produzir imagens conectadas, técnica e sentimentalmente, com a minha vida, mesmo consciente que isso não é a solução, nem a resposta.

HÁ LIMITES PARA A FOTOGRAFIA?

Não há limites, tudo é expansão, conhecimento, liberdade. Mas essa abundância de limites não seria o próprio limite, onde as imagens se tornam mais uma? Para mim, o que realmente não tem limite é a inquietação humana, é a sabedoria da finitude que nos transforma, nos silencia num plano maior que a música, a pintura, a fotografia e a dança, por exemplo. Então nos utilizamos desses canais para tornar, talvez, um pouco mais perenes essas sensações. Mas, sim, deve haver uma enorme paixão

dentro do nosso peito, lá de longe, bem nossa, bem egoísta e linda para crermos nessas possibilidades.

CHEGAMOS A ALGUM LUGAR ATRAVÉS DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS?

Acho que chegamos, sim. Qualquer movimento é antítese de inércia, de estado letárgico. Acho que, densa ou arejada, a fotografia nos educa, nos deixa levemente reflexivos ou tensamente pensativos. Mas acho que é necessário conhecimento para entendê-la. E, exatamente por isso, por aversão a essa máxima, que tento atingir o “que não entende”. Não de forma premeditada, jamais, até porque me permito muito, indo, indo, sabendo que quanto mais, mais vou indo, [mais] estou ciente que indo estou. Isto, de uma forma ou de outra, é delicado. Mas fotografar ainda é um prazer e educar também.

POR QUE PRECISAMOS DA FOTOGRAFIA? OU MELHOR, PRECISAMOS DA FOTOGRAFIA NAS NOSSAS VIDAS?

Com toda sinceridade equivocada desse mundo, acho que uma única fotografia me salvou do quarto escuro: uma criança linda no seu aniversário comemorando mais um presente. Aquela cena me fez acreditar que a fotografia, com todos os seus “encantos” e novidades, não se segura sem que uma paixão qualquer deixe um charme ou uma lavanda nas nossas vidas.











VERSIÓN EN ESPAÑOL

Abismo de la Carne es resultado de la investigación de la antropóloga Georgia Quintas en el archivo del fotógrafo Ricardo Labastier. En 2013, la investigación dio origen a una exposición, y este libro trae el trabajo de Labastier a través del recorte curatorial, bien como reúne textos que abarcan el análisis poético y el discurso del artista. Vislumbramos presentar en las entrelineas la sutil construcción de sentido sobre las narrativas y procesos de creación.

ABISMO DE LA CARNE

Hace mucho, la inminencia del gesto se contorsionaba, escrutaba el asombro de salir de la realidad. Se rompió el silencio y, con él, las cicatrices se ensancharon por escavar demasiado. Pensaba que despertar era tan solo ver lo que estuviera a su alcance. Pero si para alcanzar es necesario ver por la porosidad de los contornos y caprichos de lo que vemos, o creemos ver, ¿cómo atravesar un mundo más allá del cuarto oscuro, que siempre acomoda la infancia, la familia, olores vivos, sonidos intercalados, la devoción a los santos, el rigor de las campanas?

Pasó a vagar por los velos de lo ordinario, como si todo formara parte de sí, en la esperanza de ver mejor. En una especie de modulación de coexistencia, pasaba la mirada por la textura de las cosas, así como la mano que se adhiere a la piel del otro. Hizo ese ejercicio varias veces, sin saber muy bien dónde encontraría la evidencia de aquel así llamado mundo ordinario que nos rodea. De la orden de lo simple, de lo común,

pedestre cotidiano. De lo que se justifica por ser como es. Como si la naturaleza de las escenas ordinarias fuese la certidumbre de reconocerlas, porque siempre estuvieron, están o estarán en algún lugar entre nosotros.

Impregnado de preguntas, con su mirada registró la falta de pudor en relampagueos de gente, rastros, ruinas, falsos deseos ofertados. Fue y volvió por la carne. No fabular la realidad, sino proyectar en ella sentimientos reales, fue un camino. Trató de clarear la vida con la fotografía. De sí, de su carne insular, pasó a huir hacia el espíritu del otro. A través del universo fotográfico de Ricardo Labastier, los significados no desvisten tan solo la representación. Al contrario, se sumergen en el abismo de la carne. Tropiezan con apariciones, más allá de las apariencias. ¿Pues no sería nuestra mirada el patíbulo que abriga percepciones en nuestro imaginario? El abismo se hizo prosa de la búsqueda en entender vestigios de quien somos.

OVILLO DE LOS RECUERDOS

Precisaba ser tan sincero que llegaba a exagerar. El viaje era largo y la realidad, de tan cruda, parecía turbar la vista. De ese modo, construía para sí mismo, después de tantas vivencias y sentimientos, una especie de patíbulo íntimo de afecto, recuerdos y yuxtaposiciones de búsquedas.

Y todo eso es tan hondo que la fotografía pasó a cargar el exceso de las formas sublimes, de los colores improbables, de escenas y escenarios barrocos y alegóricos. Si pensamos que la trayectoria de una mirada es el reflejo del imaginario, del cual el individuo se apropia para creer en lo que puede ver, es posible encontrar fotografías que reflexionen acerca del enmarañado de paisajes íntimos, sutilmente sacralizados y distendidos del patrón real de colores.

El fotógrafo Ricardo Labastier expresa en este ensayo la conducción de su percepción instigadora, bien como uno de los componentes más apreciados en el proceso creativo: la entrega. Sus ensayos, aunque posean títulos, son fragmentos de piezas, de cuentas que un collar roto que tratamos de unir

a cualquier precio para, finalmente, comenzar a entender quiénes somos. En su discurso visual, los códigos parecen brindar con aquello que representan. Pero Labastier transpone ese significado para el ámbito de la memoria. Y, según él mismo, la religión pasa a ser infancia.

En cada fotografía, la postura del color no solo resalta sino que también evoca subjetividades. Como si así fueran las cosas. Pero no lo son. Ni siquiera tienen la intención de ser de esa manera.

En el trabajo de Ricardo Labastier, la narrativa a través de los colores le imprime al contenido de la imagen la intensidad de la existencia, como cuando observamos con agudeza su sentido. De esa forma, el intercambio entre fotógrafo y motivo fotografiado elabora el grado de intimidad entre mirar y fotografiar. Eso nos permite vislumbrar el registro documental transformándose en dulce poesía, refinada e incierta. Los matices de misterio, inmaterialidad, sueño y desplazamiento temporal que suturan la fotografía de Labastier deshilan el ovillo de los recuerdos y de las metáforas que la fotografía encuentra por el mundo.

VER SE VUELVA EXPERIENCIA

En la oscuridad adensamos imágenes disolutas. Le damos formas a lo que nunca las poseyó, deshilachamos posibilidades para encontrar un nuevo territorio; cierta espacialidad que no determina certidumbres, pero que asegura imágenes, borradores de sensaciones. A través de ella, de la oscuridad, vemos más por lo que perdemos en su latencia insinuada que por lo que aprehendemos en sus lapsos de luz. No siempre la definición en la imagen vista revela el discurso más claro. Tantear, mecer por la forma. Desplazarse por la oscuridad permite trenzar cierto erotismo con volúmenes marcados por el color.

El acto íntimo de entregarse a las imágenes es suficientemente profundo, así como ver la oscuridad. El peso de la

imagen transitiva – aquella que nos hace pasar por una ruta sin fin – también sopla el aire denso de la búsqueda, de la mirada de quien vio algo más en las personas, en las vidas deshilachadas... En la penumbra de esas imágenes, sentimos el recuerdo de cosas imaginadas en escenas que no pertenecen al mundo táctil. Al nacer de la porosidad de un sentir en el limbo de la noche, ver se vuelve experiencia. Por la mañana, queda la duda de lo que fue, de lo que valió la pena.

ENTREVISTA

¿SU FOTOGRAFÍA ES UNA FABULACIÓN DE LA REALIDAD O ES LA INSISTENCIA DEL VIGOR EN BUSCAR RESPUESTAS? Creo que es más el rigor en la solución. La respuesta nunca viene. Siendo así, ya tengo la respuesta. La solución a la que me refiero, no la considero una fabulación, y menos aún de la realidad. Ese martillo matinal, en cuanto ponemos los pies en el piso, al que llamamos realidad es, para mí, un rasgo distintivo de mi vida. Ella existe, persiste, insiste y actúa en los menores detalles. Pienso que proyecto sentimientos reales cuando hago elecciones mundanas, poéticas, traicioneras y dolorosas. Aunque las respuestas nunca me lleguen, siento un inmenso placer en producir imágenes conectadas técnica y sentimentalmente a mi vida, incluso sabiendo que esa no es la solución ni la respuesta.

¿HAY LÍMITES PARA LA FOTOGRAFÍA?

No hay límites, todo es expansión, conocimiento, libertad. ¿Pero esa abundancia de límites no sería el propio límite, donde las imágenes se vuelven una más? Para mí, lo que realmente no tiene límites es la inquietud humana, es la sabiduría de la finitud que nos transforma, nos silencia en un plano mayor que la música, la pintura, la fotografía y la danza, por ejemplo. Entonces utilizamos esos canales para, tal vez, hacer que esas sensaciones sean más perennes. Pero sí,

debemos tener una enorme pasión dentro del pecho, que viene de lejos, que es muy nuestra, muy egoísta y linda para poder creer en esas posibilidades.

¿LLEGAMOS A ALGÚN LUGAR A TRAVÉS DE LAS IMÁGENES FOTOGRÁFICAS? Creo que sí. Cualquier movimiento es antítesis de la inercia, del estado letárgico. Pienso que, densa o ventilada, la fotografía nos educa, nos deja levemente reflexivos o tensamente pensativos. Pero creo que para entenderla es necesario tener conocimiento. Es exactamente por eso, por aversión a esa máxima, que trato de alcanzar lo “que no se entiende”. No de manera premeditada, jamás, incluso porque me permito mucho, yendo, yendo, sabiendo que cuanto más voy yendo, [más] consciente soy de que yendo estoy. Eso, de una forma u otra, es delicado. Pero fotografiar aún es un placer y educar también.

¿POR QUÉ PRECISAMOS LA FOTOGRAFÍA O MEJOR, NECESITAMOS LA FOTOGRAFÍA EN NUESTRA VIDA? Con toda la sinceridad equivocada de este mundo, creo que una única fotografía me salvo del cuarto oscuro: un niño lindo en su cumpleaños, conmemorando un regalo más. Esa escena me hizo creer que la fotografía, con todos sus “encantos” y novedades no se sustenta sin que alguna pasión nos seduzca o perfume nuestra vida.

RICARDO LABASTIER, fotógrafo, Olinda, Brasil, 1972.
GEORGIA QUINTAS, antropóloga, Recife, Brasil, 1973.

LEGENDAS DAS IMAGENS
LEYENDAS DE LAS IMÁGENES

- p. 6 *Batiza*, Recife, 2005
p. 7 *Sem título*, Brasília, 2006
p. 8 *Eternacordela*, Goiás, 2006
p. 9 *O rejeitor*, Brasília, 2006
p. 10 *Culpa fórceps*, Recife, 2005
p. 11 *Salva cinza*, João Pessoa, 2005
p. 12 *Uma mulher mais*, Brasília, 2004
p. 13 *Sem título*, Penedo, 2003
p. 14 *Sem título*, Goiás, 2006
p. 15 *Maquinista sem filho*, Goiás, 2006
p. 16 *Luziânia imaginário*, Goiás, 2006
p. 17 *Escorpião*, Goiás, 2005
p. 18 *Lumaria*, Brasília, 2003
p. 19 *Rítmico*, Goiás, 2005
p. 22 *Cinta*, Brasília, 2006
p. 23 *Doce Love*, Brasília, 2006
p. 24 *Velaslarvas*, Recife, 2005
p. 25 *Doce Vermelho*, Brasília, 2006
p. 26 *Outras Saudades*, João Pessoa, 2005
p. 27 *Fogo e Pó*, João Pessoa, 2005
pp. 30 A 55 *Oxalabá*, Salvador, 2007

PROJETO EDITORIAL
PROYECTO EDITORIAL
Editora Tempo d'Imagem
Olhavê

COORDENAÇÃO EDITORIAL
COORDINACIÓN EDITORIAL
Alexandre Belém
Isabel Santana Terron

FOTOGRAFIA
FOTOGRAFÍAS
Ricardo Labastier

PESQUISA, EDIÇÃO DE IMAGENS E TEXTOS
INVESTIGACIÓN, EDICIÓN DE IMÁGENES
Y TEXTOS
Georgia Quintas

DESIGN
DISEÑO
Yana Parente

COORDENAÇÃO GRÁFICA
COORDINACIÓN GRÁFICA
Isabel Santana Terron

TRATAMENTO DE IMAGENS
TRATAMIENTO DE IMÁGENES
Ricardo Tilkian

REVISÃO DE TEXTO
REVISIÓN DE TEXTO
Rose Silveira

VERSÃO PARA O ESPANHOL
VERSIÓN EN ESPAÑOL
Claudia Jacobi

IMPRESSÃO
IMPRESIÓN
Gráfica IPSIS

AGRADECIMENTO DO FOTÓGRAFO
AGRADECIMIENTO DEL FOTÓGRAFO

Meus pais, Lúcia Maria e José Ronaldo.

Aos meus filhos Malu e Tomé.

Alexandre Belém, Georgia Quintas, Sofia Belém,
Alana Lima, Mônica Maia, Fernando Costa Netto,
Clício Barroso, Isabel Santana Terron, Tiago Santana,
Gilvan Barreto, Heudes Régis, Arnaldo Carvalho,
Editora Tempo d'Imagem, Chico Barros, Olhavê,
Lúcia Maria, Antônio Patrício, Simonetta Persichetti,
Fernando Sciarra, Carlos Marcelo e Christian
Carvalho Cruz.

OLHAVÊ
www.olhave.com.br
contato@olhave.com.br

EDITORA TEMPO D'IMAGEM
Av. Dom Luis, 906, Sala 802
Fortaleza – CE 60160-230
www.tempodimagem.com.br
tempodimagem@uol.com.br

© Editora Tempo d'Imagem, 2014
© Olhavê, 2014

Textos © Georgia Quintas
Fotografias © Ricardo Labastier

Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução desta obra ou parte
dela, por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica
ou mecânica, fotocópia, gravação ou outro meio de
reprodução, sem a permissão expressa dos autores.

Todos los derechos reservados.
Cualquier forma de reproducción, distribución,
comunicación pública o transformación de esta
obra solo puede ser realizada con la autorización
de sus titulares.

Este projeto foi contemplado com o XIII Prêmio
Marc Ferrez de Fotografia.

Distribuição gratuita, proibida a venda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L115a

Labastier, Ricardo, 1972-
Abismo da carne / Ricardo Labastier, Georgia Quintas.
1. ed. – Fortaleza, CE: Tempo d'Imagem, 2014.
64 p.: il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-87314-41-3

1. Fotografia. 2. Memória.
I. Quintas, Georgia, 1973-. II. Título.

14-12717 CDD: 770 CDU: 77

FONTE Fakt

PAPEL Magno Satin 170 g/m² e Munken Lynx Rough 100 g/m²

GRÁFICA IPSIS

TIRAGEM 500 exemplares